

De olho na 'agenda verde', governo quer 'seguro' contra sobe e desce do dólar

— Parceria com o BID tem o objetivo de dar maior segurança a investidores estrangeiros interessados no Plano de Transformação Ecológica; câmbio flutuante vai ser mantido

BIANCA LIMA
BRASILIA

Depois de aprovar o novo arcabouço fiscal e fazer alterações no período de vigência da meta de inflação, a equipe econômica agora se debruça sobre a política cambial – o último pilar do tripé macroeconômico, implantado no País em 1999. O câmbio flutuante seguirá em vigor, mas serão criados novos tipos de “seguro” para proteger os investidores do sobe e desce do dólar em relação ao real.

O objetivo é lançar três instrumentos financeiros que sejam capazes de reduzir os riscos atrelados à volatilidade da moeda americana e, assim, destravar os investimentos estrangeiros no Plano de Transformação Ecológica – como foi batizada a “agenda verde” do governo, também encampada pelo Congresso (*mais informações na pág. B2*).

Esses mecanismos de proteção cambial terão cobertura inicial de até US\$ 3,4 bilhões e serão voltados a investidores de longo prazo, que queiram aportar seus recursos em projetos

ligados, por exemplo, a hidrogênio verde, agricultura de baixo carbono e transição energética.

**Plano de transformação
Fazenda estima serem
necessárias cifras entre
US\$ 130 bi e US\$ 160 bi por
ano na próxima década**

Os recursos virão de uma parceria entre o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), hoje comandado pelo ex-presidente do Banco Cen-

tral (BC) Ilan Goldfajn, e o Ministério da Fazenda.

A Secretaria do Tesouro Nacional, chefiada por Rogério Ceron, e o Banco Central também participam diretamente dessas conversas. O Plano de Transformação Ecológica é tido como prioritário pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad, mas depende de dinheiro externo para deslançar.

O primeiro passo foi dado em novembro, com a emissão de títulos públicos “verdes” no mercado internacional, quando o governo conseguiu

captar US\$ 2 bilhões.

Só que o próprio ministro calcula que seja necessária uma cifra bem mais volumosa para que o plano pare em pé: de US\$ 130 bilhões a US\$ 160 bilhões por ano, ao longo da próxima década. Como os investidores estrangeiros são refratários ao sobe e desce do dólar no Brasil – só no último ano a moeda oscilou entre R\$ 4,73 e R\$ 5,45 –, o objetivo é dar maior segurança aos donos do dinheiro, como fundos de pensão e seguradoras, que não alocam recursos em ativos muito arriscados. ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Economia & Negócios Caderno: B Pagina: 1